

### TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

#### 3. Teoria do caso

##### Bibliografia fundamental:

📖 MIO TO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 4: A teoria do caso).

#### 3.1 Noção de Caso na teoria gerativa

- Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* se relaciona as propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem visíveis para a interpretação temática. Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

(1) Miotto et al (1999: 112-113):

(a)	Puer	puellam	amat	
	menino-NOM	menina-ACC	ama	'O menino ama a menina'
(b)	Puella	puerum	amat	
	menina-NOM	menino-ACC	ama	'A menina ama o menino'
(c)	Puella	ab puero	amata est	
	menina-NOM	por menino-ABL	amada é	'A menina foi amada pelo menino'

Miotto et al (1999: 114ss):

- “Qual o papel destes morfemas casuais nas sentenças latinas? Eles tem o papel de estabelecer as funções gramaticais (sujeito, objeto de verbo, objeto de preposição) dos DPs e é através deles que são reconhecidos os papéis temáticos dos argumentos. Como sabemos, na relação de *amor* marcada pelo verbo em (2), qual o DP que desempenha o papel do que ama?”
  - sabemos qual DP desempenha o papel do que ama pelo morfema  $\emptyset$  do nominativo: *puer, puella*
  - sabemos qual DP desempenha o papel do que é amado pelo morfema **-m** do acusativo: *puellam, puerum*
- “São os morfemas que marcam a reversão dos papéis temáticos em (a). Já numa sentença passiva como (c), o morfema que marca o papel temático do que é amado e /-a/ do nominativo, e o papel temático do que ama é indicado pelo morfema /-o/ (em conjunto com a presença da preposição *-ab por*, que pode ser omitida)”
- “Um mesmo caso como nominativo serve para indicar papéis- $\theta$  diferentes; ou casos diferentes como nominativo e ablativo podem indicar o mesmo papel- $\theta$ . Portanto, caso morfológico não pode ser confundido com papel- $\theta$ . Mas existe uma relação direta entre eles que é enunciada a partir da constatação de que o caso tem que ser explícito para que dele se possa deduzir o papel- $\theta$ : numa língua como o latim, não é possível a ocorrência de um DP sem marca de caso. Se isso acontecesse não saberíamos o papel- $\theta$  do DP na sentença. Dizemos, então, que o caso deixa o papel- $\theta$  visível para a interpretação  $\theta$ ”
- “Também numa língua como o português, que não apresenta marca morfológica de caso, os DPs devem ser visíveis para a interpretação  $\theta$ . (...)”

(2)

- (a) O menino ama a menina
- (b) A menina ama o menino
- (c) A menina foi amada pelo menino

- “Como sabemos que *o menino* desempenha o papel do que ama em (4a)?
  - sabemos porque este DP antecede o verbo.
- Como sabemos que *menino* desempenha o papel do que é amado em (4b)?
  - sabemos porque este DP vem depois do verbo.
- “Grosso modo, podemos dizer que a ordenação dos DPs no português é importante para torná-los visíveis para a interpretação  $\theta$ .”
- “Então, vamos admitir que essa condição de visibilidade se aplica a qualquer língua, mesmo as que não dispõem de caso morfológico. Isto é, abstraindo a morfologia, todas as línguas seriam semelhantes ao latim

porque tem que dar visibilidade aos DPs para que eles tenham sua interpretação  $\theta$  garantida. Todas as línguas são idênticas por disporem da categoria gramatical Caso”.

Observemos agora os seguintes contrastes:

- (3) Papel temático / posição
- |     |                                      |                         |
|-----|--------------------------------------|-------------------------|
| (a) | (i) Puer amat [ puellam ]-TEMA       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA  |                         |
| (b) | (i) Puella amat [ puerum ]-TEMA      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA  |                         |
| (c) | (i) [ Puellam ]-TEMA amat puer       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino |                         |
| (d) | (i) [ Puerum ]-TEMA amat puella      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina |                         |
- (4) Papel temático / posição / caso morfológico
- |     |                                         |                         |
|-----|-----------------------------------------|-------------------------|
| (a) | (i) Puer-NOM amat [ puellam-ACC ]-TEMA  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA     |                         |
| (b) | (i) Puella-NOM amat [ puerum-ACC ]-TEMA | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA     |                         |
| (c) | (i) [ Puellam-ACC ]-TEMA amat puer-NOM  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino    |                         |
| (d) | (i) [ Puerum-ACC ]-TEMA amat puella-NOM | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina    |                         |
- (5) Papel temático / posição / caso morfológico: passivas
- |     |                                                                   |
|-----|-------------------------------------------------------------------|
| (a) | (i) [ Puella-NOM ]-TEMA amata est ab puero-ABL ( <i>oblíquo</i> ) |
|     | (ii) [ A menina ]-TEMA foi amada pelo menino ( <i>oblíquo</i> )   |

### 3.1.2 Algumas observações empíricas indicativas do Caso estrutural:

- (6) Manifestações de caso morfológico residual em línguas sem sistema rico de caso morfológico
- |     |                               |
|-----|-------------------------------|
| (a) | <b>Eu</b> vi a Maria          |
| (b) | A Maria <b>me</b> viu         |
| (c) | A Maria olhou para <b>mim</b> |
- (7) Contrastes que revelam que elementos “vazios” em cadeias devem ter Caso:
- |     |                                                                                                                                          |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (a) | I met the man that Mary believed _____ to be a genius<br>[ OP <sub>i</sub> that Mary believed the man <sub>i</sub> to be a genius]       |
| (b) | * I met the man that it was believed _____ to be a genius<br>[ OP <sub>i</sub> that it was believed the man <sub>i</sub> to be a genius] |

### 3.1.3 Caso estrutural e relações gramaticais

- O “Caso” é portanto uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais. Enquanto as propriedades temáticas eram estritamente relacionadas a semântica lexical dos verbos e de seus argumentos, tomando noções como evento, ação, tema, agente, locativo..., o caso é uma categoria mais puramente relacional. Um DP não será acusativo ou nominativo a depender de sua semântica lexical, mas sim a depender de sua relação gramatical com outros componentes da frase.
- Em linhas gerais, portanto, a propriedade de Caso é a que permite que a relação temática entre os diferentes constituintes seja interpretada nas interfaces. Por isso se diz que os DPs precisam resolver sua configuração de Caso para se tornarem **interpretáveis**.

### 3.1.4 Interpretabilidade *versus* Inteligibilidade

- (8)
- |     |                                           |
|-----|-------------------------------------------|
| (a) | A bilimboca pilincou o minquilico         |
| (b) | O minquilico pilincou a bilimboca         |
| (c) | A bilimboca foi pilincada pelo minquilico |

- “Interpretability is not to be confused with intelligibility. A convergent expression may be complete gibberish, or unusable by performance system for various reasons. And performance systems typically assign interpretation to nonconvergent expressions”. (Chomsky, 1998:8 [nota 19])

### 3.1.5 Caso estrutural e “Concordância”

- Por ser uma noção relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a **Concordância**. A concordância superficial (morfológica, no sentido estrito) manifesta uma relação estrutural entre dois constituintes sintáticos. Dizemos que dois itens “concordam” quando verificamos uma identidade relativa entre eles. O Caso estrutural esta, assim, intimamente ligado com questões de “concordância”.

#### (9) Concordância NP-V e Caso estrutural

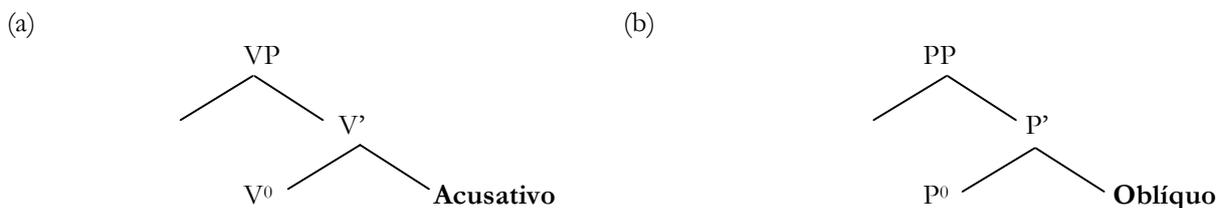
- |                                 |                                 |                                    |
|---------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| (a) [ A menina ]-TEMA           | foi amada pelo menino           | = tema em posicao de NOM           |
| (b) [ As meninas ]-TEMA         | <b>foram</b> amadas pelo menino | = tema em posicao de NOM           |
| (c) A menina ama                | [ o menino ]-TEMA               | = experienciador em posicao de NOM |
| (d) As meninas <b>amam</b>      | [ o menino ]-TEMA               | = experienciador em posicao de NOM |
| (e) [ Puella- <b>NOM</b> ]-TEMA | amata est ab puero              | = tema em posicao de NOM           |
- A grande questão em torno do Caso (essa propriedade que as línguas apresentam de poder relacionar os constituintes entre si tornando a interpretação temática visível) e saber como essas relações são estabelecidas: que procedimentos envolve, em que espaços se aplicam esses procedimentos.

### 3.2 "Teoria do Caso"

- A teoria do caso foi se desenvolvendo basicamente para resolver o problema de como conceituar as relações gramaticais e como garantir uma descrição adequada as várias observações empíricas sobre como essas relações se manifestavam nas diferentes línguas. Nesse sentido, foram sendo apresentadas propostas no sentido de determinar os espaços de aplicação dessas propriedades relacionais – limitando esses espaços por diferentes noções de **localidade** e relação hierárquica (**dominância**).
- O princípio único da Teoria do Caso é o de que todo DP pronunciado deve pertencer a uma cadeia com caso (“*Filtro do Caso*”)
- São três os casos estruturais: **Nominativo**, **Acusativo** e **Oblíquo**. Cada um deles corresponde a diferentes configurações estruturais.

#### 3.2.1 Configuração canônica para marcação de caso

- A configuração canônica para marcação de caso é aquela que um núcleo atribui caso a seu complemento:



#### 3.2.1 Configuração "não-canônica" para marcação de caso

- A configuração "não-canônica" para marcação de caso é aquela em que um núcleo atribui caso a seu especificador. A marcação de caso nesta configuração é uma exclusividade do núcleo funcional I<sup>o</sup>:

